

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Origem da architectura e influencia que teve sobre as outras artes — pelo sr. J. da Silva..... Pag. 461

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Pontes romanas em Portugal — pelo sr. Abbade Pedro Augusto Ferreira » 469

Memoria para servir de illustração ao desenho de uma estatua descoberta em Beja, que se disse

ser de Cybêles (Continuação) — Manuscripto de MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ..... » 471

Explicação da Estampa n.º 84 — pelo sr. J. DA SILVA..... » 473

Artigo do sr. José Diogo Ribeiro sobre archeologia christã » 473

Chronica » 474

Noticiario » 475

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ORIGEM DA ARCHITECTURA E INFLUENCIA QUE TEVE
SOBRE AS OUTRAS ARTES

Não é possível marcar na historia a epocha em que uma arte teve fim nem a epocha em que uma outra teve principio. Os vinculos que ligam os povos visinhos e as civilizações contemporaneas são tão numerosos como invisiveis; occultam-se á analyse do historiadôr, que encontra mais facilmente os seus indícios, do que pode demonsirar a existencia d'elles.

Pela comparação dos monumentos de architectura se conhece, que o Egypto e a Asia serviram mais de uma vez de modelo aos artistas dos tempos primitivos. Os gregos poderiam ter estabelecido a filiação das formas e das indicações, que tivessem obtido das civilizações mais remotas, sem por isso diminuir-lhes o seu talento e a sua gloria; pois se alguns elementos de architectura, combinações de fórmãs, de linhas, germens de ornamento lhes vieram do oriente ou do Egypto, todavia os principios formulados com perspicuidade, a sciencia das proporções, a belleza e a uniformidade no todo, a escolha excellente dos accessorios, o sentimento da perfeição entrevista, desenvolvido e alcançado, em uma palavra, tudo aquillo que constitue a criação, a originalidade, verdadeira, o engenho, tudo isto per-

tence inquestionavelmente aos gregos. A grande arte europêa principiou com elles.

Nem a questão de raça, nem a questão de clima, nem a razão politica, podem explicar qual foi o divino privilegio, que dotou os gregos d'esse espirito d'uma clareza tão superior, de iniciativa, de progresso, de tradição fecunda, que os fez dignos de servir de modelo a todas as nacionalidades que se teem succedido na Europa. Foram elles que tiveram a gloria de inventar as ordens da architectura. Havendo creado esta admiravel e philosophica divisão de bellezas, que a architectura sabe produzir, marcaram com o seu cunho o patrimonio commum da antiguidade, e por tanto teem direito de poder reivindicar para si toda a gloria.

Os antigos habitantes da Grecia edificaram habitações, muralhas, fortalezas, mas unicamente para satisfazerem as necessidades da vida ou para a sua defesa. O sentimento do bello não teve origem n'essas construcções massças que os pelasgos levantaram durante suas mysteriosas emigrações, não sómente na Grecia, como na Asia menor e na Italia. Os costumes e a industria formaram-se ao contacto da Asia, o commercio e a navegação contribuíram para esse progresso, e quando a arte se desprende das suas tradições no seculo vi A. J. C. ainda

a encontramos fascinada pelas tradições orientaes. Todavia a arte deu um passo decisivo n'este seculo, e não sómente ella se ergueu ousada, mas esse vóo foi tomado com toda a liberdade de acção. O estado da sociedade, os acontecimentos de um povo que se engrandece, explicam-nos claramente as causas d'esse progresso e a força d'essa acção intelligente.

Depois de prolongadas dilacerações os povos tão diversos em que se dividia a Grecia tinham estabelecido seus limites, sua constituição e seu equilibrio social. O decrepito nucleo social foi despedaçado, e uma nova sociedade cheia de vigor, sequiosa de experimentar o seu poderio, de augmentar riqueza, de gozar de uma e outra cousa, appareceu simultaneamente na maior parte das cidades gregas. Então os legisladores dictaram sabias leis, o direito das gentes foi reconhecido, e a segurança dos mares proclamada. Os jogos olympicos e as festas nacionaes estabelecem relações amigaveis entre os povos, que tinham lutado armados uns contra os outros. A população cresce favorecida pela situação commoda e feliz, as colonias estabelecem-se em todas as partes e vão generalisar o nome e as idéas gregas nos paizes dos povos incultos da Thracia, da Italia e da Sicilia, proporcionando um favoravel desenvolvimento e proclamando a idéa das bellas-arts.

Além d'isto, esses tyrannos que se collocavam em todos os logares á frente dos vencidos emancipados quizeram assignalar o seu reinado ephemero por obras grandes. Fosse por gosto de ostentação e de fruir o luxo que isso occasionava, ou fosse por imitar os reis asiaticos, e talvez para occupar os seus subditos e empobrecel-los, emprehenderam grandes obras que deveriam formar habeis architectos. Cypsélus e Periandro de Corintho, Orchoménos e Clisthenes de Sicyone, Polycrato de Samos, Phalaris de Agrigento, Eupalinos de Megara, Pittacus de Mityléne, Pisistrate e seus filhos de Athenas, todos esses tyrannos souberam prezar as bellas-arts, e contribuíram poderosamente para o seu progresso no seculo vi. É verdade que no seculo de Pisistrate as artes desenvolveram-se sob a tutela despótica enquanto que no seculo de Péricles attingiram a sua sublime perfeição aleitando-se com a liberdade.

Em todos os tempos Athenas foi pela sua posição, pelo character mais humano e mais hospitaleiro dos seus habitantes, um nucleo para os povos do mundo antigo. Os pelasgos, os heraclides e os jonios tinham alternativamente encontrado um asylo n'essa generosa Attica, e por isso todas as colonias jonicas da Asia menor consideravam Athenas como sendo a sua mãe patria, e quando o fogo sagrado se apagava nos seus templos, era em Athenas, no prytaneu, que mandavam accendel-o,

symbolo prophético que mais tarde as artes deviam realisar. Já vimos que foi em Athenas que a Ordem Dorica obteve a expressão mais perfeita como a Ordem jonica a graça mais delicada. Em uma palavra, Athenas possuia por excellencia desde o seculo vi esse genero de assimilação que constitue um centro, uma capital, e se annunciava desde então como sendo a futura capital das artes.

A architectura foi a mãe, a instituidora dos outros ramos de bellas-arts. Na Grecia onde todas as producções do espirito humano tinham seguido o desenvolvimento mais natural e mais logico que se possa imaginar, a architectura engrandeceu em primeiro logar e presidiu ao nascimento e ao progresso da escultura e da pintura. No seculo de Pisistrate, a architectura unicamente é já florescente e proxima da perfeição; no seculo de Péricles, a escultura vem disputar a palma e tomar o logar ao seu lado. Foi sómente no seculo de Alexandre, que a pintura, ultima arte nascida, e que tinha ficado por muito tempo sob a tutela da architectura, mostrou o seu mais vivo esplendor.

No principio, o homem ia buscar os elementos da architectura na natureza exterior, organica ou inorganica, animada ou vegetal. As grutas deram-lhe os modelos para as habitações, as collinas (tumulos) para as sepulturas, as arvores, os monolithos lhe deram a idéa de pontos de apoio isolados; umas vezes fizeram-se sustentar os edificios pelos animaes; outras vezes por figuras de homens. Emquanto a decoração, as folhagens, as flores, os ovos dentro da sua casca, os fructos no seu envoltorio mais aberto, as perolas, o lyrio marinho, a vinha, a palmeira, o acantho, as offertas suspensas á roda dos altares, as grinaldas, os broqueis, as transas, os cordões, os vasos, tudo lhe tinha servido de exemplo para ser imitado. Porém os gregos os transformaram e desnaturalisaram, metamorphoseando de tal maneira, que se encontra apenas uma fugitiva assimilação, deram-lhes uma forma abstracta e ideal, tão conveniente, que o ponto de partida desapareceu muitas vezes, e o modelo original se desvaneceu completamente á nossa vista. É n'isto que consiste exactamente a arte, é a intervenção da intelligencia humana que opera, reage e refaz os elementos que lhe fornece a experiencia, muda os contornos, simplifica-os, torna-os disfarçados, fazendo uma cousa nova e original, servindo-se de contornos mais puros, com combinações convencionaes, adaptadas á decoração, motivada por um sentimento delicado conforme as exigencias geometricas da architectura civil.

D'ahi a pouco essa architectura veio a servir a si mesma de modelo, a copiar-se no que produzia; é por egual razão que nos tempos modernos se vê a erudição matar o engenho, e os artistas, em

logar de descobrir fôrmas novas para imitação, continuam a copiar servilmente os seculos passados!

Em todos os logares onde havia arvores, os homens começaram a construir com madeira. Em toda a extensão dos paizes onde as raças hellenicas foram ter com as suas emigrações desde a Asia menor, além da Thracia e da Macedonia, até ao fundo da peninsula grega, as florestas eram abundantes. Os hellenos mesmo empregavam a madeira nos logares superiores dos edificios, com a unica differença que cobriam a madeira com um revestimento de argila cosida pintada, tão depressa o souberam fazer.

Pausanias viu em Olympa, junto do templo de Jupiter, uma columna de madeira, vestigio da casa de Anomáus, antigo rei do paiz, conservada cuidadosamente até ao segundo seculo da era christã. Essa columna, fragmento de um antigo edificio, posto que já carunchosa, desfazendo-se em pó, estando consolidada por ligamento de ferro, e rodeada por outras 4 columnas mais modernas, que lhe haviam ajuntado para sustentar o portico, era com o fim de conservar a reliquia d'aquella primitiva construção.

Poucos paizes tinham tanto a peito como a Olympia, esta terra sagrada para toda a Grecia, a veneração pelo passado. Ahi se conservavam com todo o esmero os monumentos mais proprios para comprovar a antiguidade das ceremonias e das festas publicas. O architecto que os Eleanos encarregaram de edificar o templo de Juno, d'esta vez de cantaria e da Ordem Dorica, aproveitou uma das columnas do templo primitivo de madeira de carvalho, e empregou-a em sustentar o *porticum*, a parte coberta, onde a madeira, ficando resguardada, não se damnificava exposta ao tempo.

Perto de Mantinéa, estava situado um templo de Neptuno todo construido de madeira, formado de trancas de carvalho entrelaçadas. Este templo de uma antiguidade tão respeitavel foi salvo da destruição pelo imperador Adriano, que admirava muito esses monumentos primitivos e prezava muitissimo a arte archaica, devendo observar que alguns d'estes monumentos tinham já oito a nove seculos de existencia no tempo d'este imperador. Elle fez edificar um outro templo muito maior para encerrar dentro o primitivo templo construido em madeira, e por esta maneira fazer mais prolongada a sua duração.

Se as almas devotas estavam acostumadas a considerar as vastas florestas, os seus silenciosos recintos, como sendo o templo da Divindade, a arte soube aproveitar o effeito que produziam os troncos verticaes e esbeltos das arvores, atravez os quaes a vista penetra e se dilata. Quanto este aspecto tinha de pittoresco, de grandioso e de architectural! Por

isso rodearam os templos com um *peristyle* que imitava uma floresta formada de columnas.

As influencias orientaes que affectaram a arte grega, foram sempre desaparecendo á medida que esta architectura se desenvolvia. Deve-se procurar a causa d'isso no talento hellenico tão independente, tão creador, tão desejoso de belleza e de logica, fiel observador da tradição regularmente constituida nos principios fundamentaes da architectura Dorica.

O tronco da arvore foi o typo da columna, posto que pouco tempo depois esse typo se transformou de tal maneira que não conserva nada mais de commum com a sua origem que as condições da sua solidez.

Estando os apoios de madeira que sustentavam o telhado enterrados no solo, as columnas assentavam tambem sobre o chão lágeado, sem terem base para fingir que profundavam igualmente na terra. Por tanto a architectura foi buscar esses elementos de decoração á vida real, a objectos que copiou no principio, e que apresentou depois de uma maneira mais abstracta e mais ideal.

Em quanto ao Jonico faz esquecer as decorações da madeira, esse typo primitivo, para apresentar sobre os monumentos linhas suaves e sem interrompimento, ornamentos que, sendo de phantasia, não teem nada de logico, nada de solidario com a architectura em si propria.

Os pelasgos sendo perfeitos constructores em cantaria, as suas obras se encontram ainda por toda a parte onde habitaram, sendo em grande numero quasi eternas pela sua grande solidez. As tribus hellenicas, pelo contrario, muito tempo foram nomadas, errantes; caminhando para o Oriente por marchas e migrações successivas construíram em madeira habitações faceis de transportar ou faceis de tornar a fazer. Portanto a madeira foi o principio de sua architectura.

O que constitue a superioridade da architectura grega, não são os seus planos simples, subordinados directamente ás necessidades do homem, não são esses accessorios, tão limitados, pouco variados, reproduzidos pela tradição e unicamente destinados a fazer sobresair as molduras e as fôrmas geraes do monumento, mas sim a sua essencia, o seu talento profundo, as sublimes proporções que elles souberam determinar com tanto acerto, harmonia e esmero.

Tirae-lhes dos seus templos as columnas, os frizos, as cornijas, os tectos e suas subdivisões, que nunca lhes podereis alterar as suas admiraveis proporções.

O sublime de architectura grega é o templo grego, porque é o typo mais perfeito da arte, e a sua formula suprema consiste no bem combinado de suas proporções. Os artistas antigos levaram a

um grau inimitável este sentimento, que determinava as relações entre os diversos membros que compõem a architectura, perfeita harmonia entre as partes de edificio em si, harmonia que unicamente constitue a unidade, o bello, o sublime da arte.

O templo estava, pois, submettido a essas regras, que lhe davam a belleza que attrahia, e esse character magestoso que tanto captiva a admiração, a ponto tal que, se encontramos separados um dos seus fragmentos, bastará unicamente esse para se designar qual a dimensão do edificio, qual o seu estylo, a proporção das suas outras partes, do mesmo modo que um esculptor, sendo-lhe dado um fragmento de uma estatua, designa logo a proporção d'ella, do mesmo modo que um naturalista dando-se-lhe um osso fossil reconstrue sem difficuldade um monstro ante-diluviano. Por ventura se poderá dizer outro tanto a respeito dos monumentos indios, egypcios, assyrios e chinezes? Não, certamente, não é n'elles que se manifesta esse dom creador de que era dotado o engenho grego. Cicero dizia que se edificasse um templo em Olympia, onde não chovesse, e era preciso que esse templo fosse resguardado por um telhado e um frontão. Não obstante parecia-lhe impossivel (e com fundada razão) se podesse mutilar este edificio admiravelmente construido, que se chama um templo grego; porque, se lhe separassem uma só parte, ficaria defeituoso destruindo-se a sua belleza e patentearia ao mesmo tempo o gosto mais depravado, que se tivesse a respeito d'este typo architectonico, quem tal cousa ousasse praticar.

É na architectura principalmente que deve a tradição ser continuada, fiel, constante e necessaria; e os gregos o souberam comprehender admiravelmente. Os principios e os processos se transmitiam como se fosse uma herança sagrada. Um architecto inventava uma forma agradável, uma proporção mais bella, depois todos sem rivalidade o imitavam, e assim a tradição progredia. É por este motivo que todos os monumentos do mesmo tempo na Grecia teem um ar de familia tão visivel que se poderia acreditar serem todas obras do mesmo architecto. Quanto menos o artista estava preocupado da sua individualidade, mais abraçava com prazer e se associava com ufanía ao movimento progressivo da sua profissão, assim como á gloria que a sua patria adquiria, concorrendo os conhecimentos de todos para esse mesmo engrandecimento.

É preciso confessar que os gregos tinham a respeito da sua arte a comprehensão mais exacta; sabiam que os trabalhos do homem não duram, que unicamente a fórma e a idéa mais bella não é cousa alguma, se a expressão que a traduz não fôr ainda mais bella. É pela superior execução das regras d'arte, que o Parthenon é a principal obra prima

do mundo, pois o seu plano é igual a todos os planos dos templos gregos, e n'elles se procuraria debalde um pensamento novo, que não se encontrasse na architectura dos outros paizes pertencentes á Grecia, tão intima era a convicção que tinham os architectos gregos de não ser possivel achar outra melhor, não obstante serem tão eximios na sua profissão; precisavam para a sua propria reputação do concurso de todos os seus contemporaneos, para que as suas obras merecessem sempre a admiração dos povos, e a sua arte fosse reputada a mais superior. Assim como os grandes seculos litterarios teem pelo estylo um culto que é a sua mais poderosa inspiração, tambem os architectos teem confirmado pela sua arte uma tal perfeição que não será nunca ultrapassada em relação a concepção e a esmero excessivo empregado na execução.

Devido á constancia de se ter conservado a tradição na architectura grega é que nós podemos hoje reconstruir a sua historia, não obstante o silencio dos auctores e a escuridão que cerca o maior numero dos monumentos ainda existentes. A Ordem Dorica, principalmente, é o typo constitutivo do qual as outras Ordens não são mais do que uma transformação. Esta Ordem transmittiu as suas fórmas successivamente desde a sua origem até á sua decadencia e não nos deve causar admiração essa persistencia. Não sómente o Dorico do seculo de Pisistrates se distinguio do Dorico do seculo de Péricles e do seculo de Alexandre, porém em cada epocha nota-se a gradação, como uma transição continua: foi assim que se estabeleceu o encadeamento historico da arte.

A escala das proporções nos ministra, pois, um methodo verdadeiramente scientifico, que supprime o testemunho dos homens pelo testemunho da pedra. O estudo dos monumentos é regularizado pela successão de gradações que os distinguem: portanto os templos gregos, sem se poder determinar a sua data, classificam-se por ordem chronologica conforme suas proporções, suas subdivisões, sua physiognomia.

O que comprova ainda mais quanto os architectos gregos apreciavam a importancia das proporções, é que elles escreveram obras sobre a sua arte; ainda mais, commentaram os seus proprios monumentos. Rhokos de Samos tinha descripto o grande templo de Juno que elle havia edificado; Chersiphron e Meagenes, o seu templo de Diana de Epheso; Polycleto, tão habil architecto como grande esculptor, o qual construiu o theatro de Epidauro, que foi tão admirado pelos antigos, Polycleto tinha composto um tratado sobre as *symetrias*, isto é sobre as proporções, onde a architectura devia occupar logar igual ao da esculptura; Ictinus tinha feito uma obra sobre o Parthenon.

Não nos devemos admirar de saber que os architectos das antigas épocas compozeram obras sobre a architectura; pois possuíam uma educação esmerada, auxiliada por uma razão sensata, por aptidões variadas, e fecundidade de engenho inexgotavel o que são o privilegio dos artistas consummados; tendo apparecido artistas de egual merecimento durante a Renascença na Italia.

Portanto, desde os mais antigos tempos, os bons architectos viam o seu renome estender-se por todas as partes, convidavam-os de bastante distancia; recebiam-nos com grandes honras e generosas recompensas, taes como os gregos unicamente souberam prodigalisar aos artistas de reconhecido talento.

Foi chamado Eupalinus de Megara em Samos, para construir o magnifico canal que era reputado uma das maravilhas do mundo; Spintherus de Corinthio foi requisitado pelos Amphictyones de Delphos para reconstruir o templo de Apollo; Chersiphron natural de Gnosse em Crete edificou o templo colossal dos Efesios; Theodoro filho de Rhoekos de Samos era solicitado de Sparta para formar escola; os architectos que tinham levantado os templos de Pæstum, foram chamados pelos Phocéanos para fundar a cidade de Vêlia. A Grecia soube prezar as suas artes, porque sabia reconhecer o prestimo dos seus artistas.

Os monumentos do seculo de Pisistrates merecem um estudo serio, pois foi n'essa epocha que a architectura attingiu um esplendor que não deixou nada a inventar no seculo de Péricles, posto que não conseguisse todavia alcançar essa belleza suprema, essa flôr de perfeição, esse sentimento divino que é o caracteristico das obras-primas. Pelo menos, os monumentos do vi seculo chegaram até este limite, e assim compete-lhes um logar de grande importancia na historia da architectura.

Muitas vezes as colonias levavam vantagem nas artes ás suas metropoles, porque, desde o primeiro dia, ellas foram commerciantes, em seguida ricas e illustradas, depois deixaram vida activa pelo prazer da existencia. É verdade que foi rapida e ephemera essa prosperidade, como acontece ás arvores transplantadas, que, conservando sómente debeis raizes, o furacão as derriba sem esforço. O mar não isolava de fórma alguma as cidades gregas, pelo contrario as reunia; pois era a sua estrada real, e a sua tradição, igualmente espalhada, impedia que as tendencias locais alterassem o gosto apurado nas artes.

Que encanto não se experimenta fazendo recordar os logares celebres da historia e ao estudarmos esses monumentos que resistiram á destruição dos seculos! As suas ruínas são ainda hoje a mais bella herança da Grecia, o embelezamento de um paiz que não tem precisão de ornamentos; visto que os monumentos da arte completam alli

as bellezas da natureza, em taes termos que parecem dar-lhes poesia, insufflar-lhes vida.

O templo que primeiramente nos deve occupar, é o templo de Corintho, aquelle, cujas proporções e estylo accusam a mais remota antiguidade; e tambem porque Corintho foi a cidade onde a architectura se desenvolveu com mais rapidez; sendo ahi que os frontões se ornavam primeiro com ornatos de argila, assim como as beiras do telhado e os vertices do templo com enfeites da mesma materia. Diz-se que, de todas as artes, a architectura é, com as suas dispêndiosas construcções, a que dá mais cabal ideia da prosperidade de uma nação. Ora, nenhum povo em toda a Grecia alcançou um tão elevado gráu de prosperidade como foram os Corinthios.

O destino de Corintho era tornar se poderosa pelo commercio, e adquirir riquezas por esse meio. O segredo d'este destino e de sua fortuna, foi devido á posição que occupava. Collocada sobre o isthmo que unia as duas metades da Grecia, era Corintho o elo d'estes dois paizes, a chave do seu commercio e por isso veio a ser o imperio das mercadorias da Asia e de Italia. O isthmo foi uma ponte lançada entre o Adriatico e o Archipelago, entre o mar da Sicilia e o mar Jonico.

O que mais distinguia o caracter grego, era conservar sempre a prudencia, mesmo nos seus excessos. Os abastados Corinthios sabiam amar o bello e proteger as artes; e no gozo de uma ociosidade opulenta, intelligente e epicuriana, tinham a sagacidade de governar um povo de operarios e de artistas. Este povo era amavel, hospitaleiro, sem duvida, possuindo um gosto delicado; mais estimado do que invejado pelo resto da Grecia, era attraído pelo engodo do ganho, pelas bellas cousas, prazeres, e voluptuosidades. Faltou-lhe unicamente, para ser grande, o infortunio, que experimenta e fortalece; faltou-lhe tambem um amor mais forte pela gloria, a gloria, essa palavra tão querida de qualquer alma grega.

O templo de Corintho está situado ao pé da Acropolis sobre o declive mesmo d'essa poderosa cidadella, não distante da fonte de Pirena. Elle ultrapassava em grandeza ao templo de Egina; as suas ruínas têm um aspecto de força, de magestade, e sobretudo de apparencia pesada, que surprehende á primeira vista. Observam-se ainda restos de estuque sobre as pedras das columnas; por conseguinte, escolhendo monolithos, isto é, pedras inteiriças para a sua construcção, não attenderam á decoraçáo, mas cederam unicamente á timidez. Esquecendo por um instante as admiraveis ruínas de Athenas, reconheceremos n'estas um caracter de força, de solidez imponente, que constitue uma certa magestade. Se não se encontra o bem acabado da execuçáo, a exactidão delicada do apparelho dos tempos mais

recentes, é preciso não esquecer que o typo está já completo, posto que não seja inteiramente perfeito; pois que devia-se deixar ainda alguma cousa para o progresso da arte. Este templo, pelas suas proporções e regras de sua construção, parece ser o mais antigo que tenha resistido em pé sobre o solo grego.

Deixando Corinto, encontraremos a sua influencia e o progresso que ella havia imprimido á arte nas outras cidades. Em Delphos haviam chamado um architecto corinthio, Spintharos, para construir o seu celebre templo de Apollo, em Syracusa, colonia Corinthia, fundada no seculo de Cypselus, e cujos mais antigos monumentos foram edificados por architectos vindos de Corinto.

Seria inutil traçar a historia de Delphos e a grande importancia que representou na republica antiga o oraculo de Apollo. Esse poder espirital sobre o qual se firmavam os *poderes temporaes*, e que não desprezavam sem receio de arbitrios tanto os reis como os generaes, fundadores de colonias, servia egualmente para sancção das leis de Solon de Lycurgo: conselho diario dos particulares, voto decisivo da guerra, da paz, conforme elle vaticinava, ou ameaçava com a colera dos deuses, mixto de politica generosa e de vistas interesseiras, de alta sabedoria e pueris artificios, o oraculo de Delphos foi até ao tempo de Pericles, o poderoso nucleo moral da Grecia. Porém no seculo de Pisistrates já este oraculo gozava do maior credito, e Delphos podia-se chamar com alguma probabilidade — o centro da terra — como os gregos o denominavam, isto é, o centro do mundo grego. De todas as partes concorriam as offeras, de todos os logares chegavam embaixadores, tanto do Occidente como do Oriente. Que dons magnificos! que bellas estatuas! quantos monumentos se erigiam junto d'elle! Cada povo da Grecia levantava um edificio chamado *Thesouro*, consagrado a guardar os seus tropheus cada vencedor; cada athleta lhe offertava uma estatua; chegou-se a contar ali até ao numero de 3:000, sem fallar dos numerosos altares, porticos, baixos relevos votivos e inscripções! Tudo isto estava accumulado sobre um pequeno espaço, sobre um terraço que a natureza havia formado e disposto em semi-circulo como um theatro dominado pelos dois cumes do Parnaso de sete mil pés de elevação, residencia de Apollo e das Musas, tão celebrada pelos poetas da antiguidade.

Todas estas riquezas d'arte se comprimiam, não com symetria, como são dispostos esses vastos intervallos, os largos, e as avenidas, esses espaços vãos que tanto gostam de ver os modernos, e que muito repugnavam ao gosto antigo: O Forum Romano, a Acropolis de Athenas, dão a prova d'isso. Pelo contrario, tudo estava collocado em grupos ao acaso,

com uma certa irregularidade que não prejudicava o effeito dos objectos d'arte; havia uma apparencia de desordem, mais pittoresca que se fosse uma glacial uniformidade; pois davam áquelle conjuncto, movimento e variedade que chamava a attenção, deleitava a vista, e não excluia a harmonia; fazendo valer muito mais o merecimento d'essas preciosidades creadas pelas artes, posto que estivessem reunidas pela credulidade. É n'essa maneira de dispôr os objectos de bellas-artes, que consiste a differença radical do gosto antigo do gosto moderno: nos nossos edificios, nas nossas fachadas, nas disposições dos accessorios, na distribuição exigimos a *sua symetria rigorosa*; os antigos mais atilados procuravam uma harmonia que agradasse, e não ferisse o gosto pela monotonia da repetição. A symetria estabelece sempre o equilibrio, a regularidade; aquillo que está á esquerda, ella tem o cuidado de não esquecer repetir tambem á direita; applica a regoa e a esquadria em todos os pontos e faz-se tão exacta como é a geometria; em uma palavra é o resultado de uma sciencia. A harmonia, pelo contrario, não obriga nem os terrenos nem os nivelamentos; acceita os obstaculos, respeita todas as conformidades, sabe aproveitar e estima mesmo encontrar os caprichos do acaso, nasce da opposição e muitas vezes das discordancias: é finalmente delicada em sentimento, o que poucos sabem avaliar, e ainda menos aproveitar.

Quem hesitará pois de reconhecer quanto, em materia de arte, o sentimento é superior á sciencia? Compare-se a collocação dos edificios dos nossos monumentos modernos os mais gabados, á fórma como estão dispostas as ruinas dos antigos monumentos, mesmo as ruinas que ainda hoje nos offercem, tanto a formosa Roma, como a formosa Athenas e vereis que differença quanto ao modo de se saber dar valor ás producções de arte, a que ponto chega o gosto apurado de um povo intelligente ajudado d'uma reflexão esclarecida: isso mesmo que á nossa educação tanto repugna, elles julgaram com bastante sensatez ser necessario para mais engrandecer a perfeição de seus monumentos, aos quaes não se podem comparar nenhuns dos outros que existem hoje no mundo.

O templo de Apollo foi reedificado cinco vezes. A fabula nos narra que o templo primitivo foi feito de madeira de louro; depois de *cêra*; as abelhas o fabricaram com feitiço de colmêa pela *cêra* que produziam e com as suas *proprias azas*. Mais tarde foi construido em bronze. Depois os architectos Agamedes e Trophonios o edificaram de cantaria. Foi novamente destruido pelo fogo; sendo no anno 548, A. J. C. no meado do seculo de Pisistrates, que o antigo templo de Delphos foi incendiado. Logo os Amphictyones pediram donativos do mundo inteiro

para a sua reconstrução; obtiveram os soccorros, mesmo de Amasis, rei do Egypto. Quando tiveram reunidos 302 contos de réis, os Alcmaeonides tomaram a empreza da construção do templo. Afim de se conciliar o favor dos Amphictyones e do Oraculo de Delphos, fizeram a fachada principal em marmore de Paros; primeira vez que este excellente material foi applicado em architectura.

O architecto encarregado d'esta importante construção foi chamado de Corintho; chamava-se Spintharos, como já referi. Tendo faltado o dinheiro, foi o templo concluido muito tempo depois, e ornado com esculpturas executadas por Calamis, Praxias, os quaes completaram a decoração d'esta magnifica obra. Quando estiver o templo de Apollo desenterrado das suas ruinas, se poderá então apreciar o estylo d'esse monumento, que os auctores não descreveram sufficientemente.

Por uma coincidência notavel, os mais antigos templos que se têm conservado são os de Corintho e de Syracusa. Syracusa era uma colonia corinthia, fundada no seculo de Cypsélus, quando a architectura, esta arte que é o barometro da prosperidade publica, ahi se desenvolvia com esplendor. Por esta fôrma essas duas cidades, unidas já por tantos vinculos, se acham ligadas tambem na historia d'arte.

Nada é mais obscuro que a historia primitiva das colonias sicilianas. Mas nada foi mais rapido que o augmento d'estas colonias alcançado pelo commercio e pelas armas. A Sicilia era um porto especialmente propicio para o commercio, pois occu-pava como o centro entre a Hespanha, Italia, Grecia e Africa. Eis aqui por que Syracusa em 70 annos depois da sua fundação, ponde fundar 5 outras colonias. Qual não devia ser o poder d'esse povo que repelliu os Carthaginezes, destruiu as armadas e os exercitos de Athenas, conteve Roma, a propria Roma, durante 3 annos detida pelas suas fortificações! Carthago, Athenas, Roma, as 3 grandes capitães do mundo antigo.

As ruinas de Syracusa narram ainda aquillo que foi esta cidade magnifica. Athenas possui monumentos mais bellos e mais completos; Agrigento tem conservado, erguidos sobre as suas elevadas collinas, uma serie de templos, porém nenhuma outra cidade grega deixou tão extensos vestigios como os que se vêem em Syracusa!

O mais antigo templo terá pouco mais antiguidade que o templo de Corintho, e suppõe-se que fôra edificado em honra de Diana, protectora da colonia. N'este templo estava collocada a sua estatua tão gabada pelos auctores antigos pelo seu character archaico, que a tornava ainda mais veneravel. Havia outro templo de Minerya ricamente ornado, e cheio de offertas magnificas que Marcel-

lus tinha respeitado depois de haver tomado a cidade, e que Verres roubou sem escrupulo.

Admiravam-se principalmente as portas chapeadas de ouro e marfim, esculpidas com uma arte que fazia a admiração dos proprios antigos; a construção d'este templo é da era de 495 A. J. C. No vertice do frontão do templo, resplandecia o broquel de Minerva. Os navegadores avistavam em grande distancia este escudo polido com muito brilho, da mesma maneira que os Athenienses, depois de terem dobrado o cabo de Sunium, distinguiram a ponta da lança da grande Minerva de Phidias, situada sobre o rochedo de Acropolis. Quando partiam para alguma viagem, os Syracusanos iam primeiro ao templo de Jupiter Olympico, tiravam o fogo sagrado para um vaso e embarcavam, conservando esse vaso na mão até perderem de vista o broquel da sua divindade protectora. Foi n'este templo de Jupiter que Dionisio o Tyrano tirou o manto de ouro massiço que ornava a estatua do Deus, e pôz-lhe em seu lugar uma capa de lã, dizendo que aquella seria mais quente para o inverno, e menos pesada para o verão. A avidez dos despotas egual sempre á sua barbaridade.

As ruinas de Syracusa são menos celebres que as de Agrigento; pois Agrigento não apresenta unicamente um numero mais consideravel, mas os seus templos estão mais bem conservados, e são portanto de mais interesse, e se recommendam ás investigações do archeologo e do artista. Todas essas ruinas illustres teem nomes de vulto na historia: O templo de Juno é o mais elevado de todos; o da Concordia, o mais completo; o de Jupiter Olympico, o mais grandioso, porém hoje involto no pó, sendo o de Hercules o mais perfeito de estylo. Mais distantes avistam-se os templos de Ceres e Proserpina. Finalmente as muralhas cortadas na propria rocha, certificam quanto era forte e poderosa essa cidade. Tanta grandeza cabiu repentinamente: tal foi o destino das colonias sicilianas. Podem-se comparar a essas plantas transportadas para um solo muito forte, e sob uma temperatura demasiadamente favoravel; vegetam rapidamente alguns dias, dão as mais vistosas flôres, depois em uma manhã murcham repentinamente, e a robusta vergonteia desfallece e morre.

A colonia Siciliana desejando vir a ser igualmente metropole, pediu um chefe aos Megarianos para formar outra colonia, na seguinte e laconica mensagem, em que transluz o prazer orgulhoso, que esses habitantes gregos sentiram, pela importancia que haviam alcançado, sendo apenas uma cidade de segunda ordem. Dizia assim: — *A colonia que vós enviastes, ha cem annos, alem mar, á Sicilia, está hoje rica, poderosa e muito povoada. Ella quer tambem levar mais avante aos paizes dos*

barbaros o nome grego e a dominação grega; portanto ella vos pede um chefe para esse fim. — Os Megarianos lhe enviaram Polyclete. Foi o que deu origem a Selinonte ser edificada no anno 651 A. J. C. Os seus templos tinham sido construidos pelos architectos gregos. Acharemos ainda aqui a influencia da architectura corinthia. Em quanto ao desenvolvimento que teve esta nova cidade, a historia é muda; sómente nos diz a data da sua primeira ruina em 409, e da sua ruina definitiva em 249 A. J. C. Esta cidade foi tomada por Annibal no anno 409. Compunham-se as armadas cartaginezas de hordas de barbaros africanos. O temivel general ordenou a mortandade das mulheres, dos velhos e das creanças, excepto aquelles que se tinham refugiado nos templos, com receio que a desesperação não os levasse a deitar fogo, e elle perdesse então os ricos despojos que continham. Havia 6 templos que ornavam o cume da Acropolis de Selinonte. Tres d'estes templos são do vi seculo, o mais antigo pertence á fundação da cidade. Dois são do v seculo, e assemelham-se muitissimo ao templo de Theseo em Athenas do seculo de Péricles. O sexto templo é de todos o mais vasto e o mais grandioso; mostra pelo seu caracter bem visivel pertencer aos dous ultimos seculos.

Estes templos estão todos orientados, voltados para o Oriente, de maneira que os primeiros raios de sol feriam o triangulo sagrado do frontão, assim como a estatua do deus, quando as portas do templo estavam abertas, parecendo que presidiam á luz e á existencia.

Examinando os monumentos pelas suas fachadas, se conhece ser o seu estylo como em Corintho e Syracuse, de uma remota antiguidade: observando porém os templos de Selinonte, não sómente se notam os caracteres e as bellezas do Dorico Archaico, particularidade interessante, mas tambem os defeitos inherentes a não ter a arte chegado á época da sua perfeição, além de ser uma mistura da arte grega e oriental, o que se explica pela proximidade das feitorias cartaginezas. Todavia offerecem já o grande e o bello character dos entablamentos gregos, dos entablamentos sicilianos, cuja importancia, ainda que seja um pouco exagerada, está todavia disfarçada por uma delicada e magnifica decoração.

Mas o que ha de particularmente mais bello a notar nos templos do vi seculo de Selinonte, é a parte superior que cerra os lados do templo. Pois os ornamentos pintados que o ornam são preciosos para a historia da arte; tanto pela sua conservação como pelo seu estylo, sendo um dos elementos mais importantes para a solução do problema da polychromia, que nos confirma a sua applicação sobre os monumentos da Grecia com o proprio testemunho da mesma architectura.

O aspecto que apresentam as ruinas de Selinonte é na verdade magestoso. A queda d'esta cidade infeliz foi para a Sicilia o mesmo que a destruição de Sybaris para a Italia, a destruição de Mileto para a Asia Menor, a de Athenas para a Grecia. Selinonte ficou reduzida a um lugar devastado e deserto.

Carthago desapareceu do mundo, quando chegou a sua vez, e lá estão as suas ruinas como epitaphio da sua historia: mas que vestigios deixaram essas opulentas cidades phenicias, das quaes o unico talento era a ambição do ouro, em quanto os gregos cimentaram a immortalidade mesmo nas suas ruinas; pois que as gerações vindouras irão ainda procurar ahi, não sómente impressões agradaveis, mas principalmente admirar modelos para imitarem?

Se denominámos o vi seculo o seculo de Pisistrates, foi pela mesma razão de ser dado ao v seculo o nome de Péricles e ao iv o de Alexandre. Naquelle época a fórma do governo predominante era a tyrania, conforme a significação grega, isto é, a designação dada á pessoa que se apoderava do poder soberano em uma cidade livre, como havia feito Pisistrates em Athenas.

Porém o que collocava Pisistrates acima dos usurpadores contemporaneos, era o seu titulo de Atheniense. Elle reinava sobre um povo predestinado pela sua posição geographica, pelo seu engenho a tomar o primeiro logar entre os gregos. Não é, pois, Pisistrates, é sim Athenas, representado pela sua figura no período architectural pertencente á Grecia n'esta época.

Sob 33 annos do seu reinado, as letras e as artes encontraram na sua côrte um apoio poderoso e um protector esclarecido, sendo o titulo mais celebre que pertence a Pisistrates, o ter mandado publicar os poemas de Homero. Portanto as artes não deviam ser menos protegidas que as letras, e a architectura principalmente, que offerece sempre á vontade de quem emprehe grandes projectos, vastas ambições de sua sciencia, os seus ricos materiaes e numerosos operarios, mesmo quando ella não tenha ainda alcançado a sua maior perfeição. N'este caso, supprime a imperfeição da obra apresentando o grandioso nas construcções. É por este motivo que os monumentos das épocas antigas têm todos um aspecto que produz sempre uma certa veneração e assombro. Além d'isto, nós vimos até que ponto a belleza da architectura havia chegado no meado do vi seculo, e principalmente a architectura Dorica que achamos adoptada pelos athenienses, no seu primitivo templo de Parthenon no auge da sua perfeição. Agora para completarmos a apreciação do desenvolvimento da architectura grega no vi seculo e apreciarmos a sua arte monumental em todas as suas phases devemos examinar como o Jonico veio substituir o Dorico primitivo, quaes foram as cau-

sas politicas ou sociaes que influiram para isso, as vantagens ou o abuso que essa introdução na arch. lectura n'este periodo poude ter influido para a decadencia da arte na Grecia. Trataremos em seguida da importancia que a pintura dos monumentos contribuiu para harmonisar melhor o effeito geral d'elles; e não obstante serem construidos com materiaes de excellente qualidade, o gosto apurado dos gregos

sacrificava o valor da materia para que a perfeição da arte chegasse ao seu maximo grão; preferindo a belleza dos seus monumentos e o amor das bellas artes aos calculos interesseiros e vistas mesquinhas, condicção propria dos povos incultos e mercenarios, que desconhecem e desprezam o amor da gloria, o culto das bellas artes e os gosos da civilisação.

J. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

PONTES ROMANAS EM PORTUGAL

Os romanos deviam construir, e com certeza construíram, no chão hoje denominado *Portugal*, muitas pontes nas suas diferentes e esplendidas estradas militares, ou de 1.^a classe; e nas de 2.^a, 3.^a e 4.^a classes. Além das estradas militares, por onde moviam os seus exercitos e nas quaes havia postos muito bem montados, tiveram como era natural que tivessem, outras muitas estradas secundarias para serviço dos povos intermedios, estradas menos luxuosas, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra.

Ora sendo o chão de Portugal cortado por tantos rios e ribeiros, forçosamente se haviam de construir, para passagem d'elles, muitas pontes das quaes hoje muito poucas existem, authenticas do *povo-rei*, não tanto porque desabassem com o peso dos seculos, pois, as pontes, construidas pelos romanos eram quasi todas de cantaria e muito solidas, mas porque foram destruidas pelas guerras d'exterminio que ensanguentaram a peninsula desde aquella data até os nossos dias, já durante a invasão dos *barbaros do norte* e nas luctas entre estes e os romanos, — já nas guerras incessantes d'aquelles barbaros entre si, até que se constituiu a monarchia visigothica, — já no periodo calamitoso da invasão dos mouros e das luctas e guerras que durante seculos se feriram n'este solo entre os musulmanos e visigodos uns contra os outros, e depois nas sangrentas guerras intestinas dos musulmanos contra os proprios musulmanos e dos godos contra os proprios godos até se instituirem os reinos da Gallia, Leão, Castella, Navarra, Aragão e depois Portugal — até se fundirem estes 5 reinos da peninsula nos dois que hoje por mercê de Deus existem.

Tambem se destruíram em Portugal muitas pontes ainda no 1.^o quartel d'este seculo por occasião da guerra da peninsula.

Do exposto se vê que das pontes construidas pelos romanos poucas e muito poucas devem hoje existir, embora se digam romanas pela tradição, ou porque o affirmem os antigos geographos, ou por-

que assim o faça crer o aspecto de ancianidade que apresentam, pois é certo que muitas foram construidas pelos godos, outras pelos arabes, outras pelos reis de Leão, Navarra, Aragão e Gallia, e outras pelos nossos reis desde os principios da monarchia.

A primeira ponte de que ha memoria, construida sobre o Douro, data do tempo de D. Affonso Henriques, e talvez que fosse projectada e principiada muito antes, pois o documento mais antigo que prende com a dita ponte é o testamento d'aquelle rei, no qual se encontra um legado em favor d'ella. Não se sabe ao certo se chegou a ultimar-se, mas no seculo XVI estava ainda imponente, como o diz o conego tercenario de Lamego, Ruy Fernandes, na sua «Descripção do terreno em volta d'aquella cidade duas leguas», e d'ella se veem ainda hoje claros vestigios — grossos fundamentos d'alguns pegões — no ponto do Piar, no leito do Douro, entre as freguezias de Barrô, concelho de Mesão-Frio, a menos de 1 kilometro de distancia para oeste, ponte da qual hoje apenas resta a memoria e que existiu sobre o mencionado rio no ponto ainda hoje denominado Ponte Henriques como eu disse no artigo Villa Jusã em cuja circumscripção estive.

Tambem a rainha D. Mafalda, esposa d'aquelle rei, mandou construir a actual ponte de *Canavezes* sobre o Tamega, ponte que originariamente foi construida pelos romanos.

São estas as 3 pontes mais antigas de que tenho conhecimento, construidas pelos nossos reis.

Das nossas pontes actuaes apenas me consta que foram construidas pelos romanos as seguintes:

1.^a — Ponte de Chaves. Tem alguns arcos soterrados na margem direita do Tamega e depois do meado d'este seculo foi alargado o taboleiro superior, mas todos os seus arcos parecem os primitivos.

O Tamega hoje não tem outros vestigios de ponte romana, pois a Cavez, em Celorico de Basto, segundo se suppõe, foi mandada construir por frei Lourenço Mende no seculo XIII.

A ponte actual de *Amarante*, que é de bom

granito e uma das mais solidas e mais luxuosas do nosso paiz, foi mandada fazer por D. Maria I em 1790 em substituição da que fez S. Gonçalo pelos annos de 1260, segundo se suppõe, e no mesmo sitio onde estava a outra ponte mandada fazer pelo imperador Trajano, era de 106 annos antes de Jesus Christo.

Ponte de Alvarenga sobre o rio Paiva a leste da villa d'Arouca.

No artigo Alvarenga o meu antecessor, guiando-se pelo que se lê n'outros auctores, disse que a mencionada ponte foi mandada fazer tambem pelo imperador Trajano, era de 110 annos antes de Jesus Christo, que era obra do mesmo mestre que fez a ponte hespanhola d'Alcantara, e que estava ainda tão bem conservada como se fosse feita ha 10 ou 12 annos!

A pequena distancia da dita ponte existia effectivamente outra muito antiga.

A ponte actual é dos fins do ultimo seculo. Foi principiada a sua construcção pelo bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcellos Pereira, mas fallecendo em 1786 quando a ponte se achava ainda por concluir, foi concluida por ordem da rainha D. Maria I (Alvará de 13 de fevereiro de 1791) por meio de derrama lançada sobre as comarcas comvisinhas — Lamego (provedoria) e Feira (ouvidoria).

Tenho sobre a minha meza de estudo os proprios autos da arrematação das obras da conclusão que montou a 3:300\$000 réis, dos quaes a provedoria de Lamego pagou 2:300\$000 réis e a ouvidoria da Feira 1:000\$000 réis.

Nos mesmos autos se vê ainda a planta que serviu de base de arrematação, indicando a côres differentes a parte que já estava feita e a que devia fazer-se.

Prosigamos:

2.^a — Ponte do Perozello na extincta freguezia d'este nome e sobre o Cavado¹.

É considerada romana; tem 12 arcos, e fazia parte da estrada da Geira.

3.^a — Ponte de Cladellas, na freguezia d'este nome, concelho de Amares, comarca de Villa Verde sobre o rio Homem, affluente do Cavado.

Tem 3 arcos e é tambem considerada romana. O arco maior tem de abertura 13^m,14 e de altura 13^m,8; comprimento do taboleiro 34^m,8; largura 2^m,63.

4.^a — Ponte de Missarella sobre o rio d'este nome ou Regavão, confluyente do Cavado, tambem concelho de Montalegre.

É antiquissima e considerada romana tambem,

mas foi em parte reconstruida nos principios d'este seculo.

Está firme sobre 2 grandes rochedos e tem um só arco, mas imponente e com 13^m de extensão e grande altura.

5.^a — Ponte de Mirandella na villa d'este nome em Traz-os-Montes, lançada sobre o Tua.

É uma das primeiras pontes de Portugal no seu genero; tem 19 grandes arcos hoje, formando um taboleiro de mais de 100^m de comprimento em recta — e foi romana, mas tem soffrido em differentes datas differentes reconstrucções parciaes, datando do seculo XVI uma das reconstrucções mais importantes.

Tem arcos de diversos estylos correspondentes ás diversas reconstrucções.

Os mais achatados e de maior abertura estão na margem esquerda; são os mais antigos e um d'elles ameaça ruina e demanda reconstrucção em praso breve.

Não sei se algum dos ditos arcos será ainda romano; sem duvida seriam de volta inteira.

Talvez sejam tambem romanos alguns arcos que tem soterrados na margem direita do Tua. *Ponte a l'á?*

6.^a — Ponte de Soure no concelho d'este nome.

Alguem diz que esta ponte é ainda a ponte romana que estava na antiga estrada militar de Lisboa para Merida, lançada sobre o rio Soure.

7.^a — Ponte Cavallar sobre o rio Sermanha confluyente do Douro, a leste e no concelho de Mesão-Frio, entre as povoações e freguezias de Cidadella antiga, cidade romana, e Oliveira.

É ponte antiquissima; alguem diz ser tambem romana — e é certo que nas suas convisinhanças tiveram demorada residencia os romanos como provam as muitas moedas, tijolos e outras velharias romanas que por ahi se teem encontrado. Ainda este anno d'ahi enviaram um tijolo romano de enorme espessura e grande pezo. Pôde vér-se no nosso Museu Commercial e Industrial.

A dita ponte estava na estrada romana do Porto para Panoias e Lamego por Mesão-Frio e Cidadella.

Já que estamos fallando de pontes fallemos tambem do material de construcção d'algumas.

Cá pelo Norte as nossas pontes antigas eram quasi todas de granito, porém conheço duas de schisto, talvez dignas de especial menção.

Encontra-se uma d'ellas sobre o rio Temi-Lupus, ou Foz-de-Mil-Lobos, a cerca de 4 kilometros a montante da Regoa na freguezia e concelho de Armamar e na estrada marginal do Douro (margem esquerda).

Foi feita pela extincta companhia dos vinhos nos fins do ultimo seculo e é toda de formosa *cantaria*

¹ V. Cavado no Port. Ant. e Mod.

de schisto, inclusivamente o ultimo arco de bastante altura. Quando o nosso governo depois de 1855 mandou fazer a estrada marginal da *Regoa* até á *Pesqueira* os engenheiros acharam tão solida e tão bem acabada a dita ponte que a conservaram intacta. Apenas a altearam alguns metros sem tocarem no antigo arco. É uma das nossas mais solidas e talvez a *única de cantaria de schisto*.

A outra está no concelho, freguezia e termo de Villa-Nova-de-Foscôa, no sitio e ribeiro do Valle na antiga e horrorosa estrada que da barca do Pocinho (hoje estação d'este nome) conduzia para Foscôa, Marialva, etc. e é formada unicamente por dois enormes pedras de schisto medindo cada um 1,^m20 de largura e 8^m de comprimento!

Foram cortados em uma pedreira talvez tambem *única* no seu genero em todo o nosso paiz.

É uma rocha massiça de schisto duro como aço e da qual os montantes podem certar pedra com as dimensões e espessura que bem lhes aprouver! Assim tiraram d'ali aquellas duas colossaes pedras e podiam dar-lhes maiores dimensões ainda se fôra possivel movel-as por caminhos tão desgraçados como eram os de Foscôa *in illo tempore*! Tambem forraram litteralmente com grandes dimensões da mesma pedra a cadeia actual da villa, o pavimento, as paredes e o tecto!

Ficou á prova de fogo e segurissima, porque a pedra não tem juntas. São todas grandes monolithos que tomam todo o vão das paredes e do tecto da cadeia, sendo impossivel aos presos deslocarem-n'as.

Não ha em Portugal outra cadeia tão segura!...

Occupo o *rez-de-chaussée* dos novos paços do concelho onde funciona tambem o tribunal judicial etc. e da mesma pedreira podem cortar pequenas e

delgadas pedras, como se veem na mesma villa de Foscôa, formando *sobrados* e balaustradas de varandas.

Ha tambem no Alto Douro na região do *Port-Wine*, outras muitas pedreiras de bello schisto, de onde se extrahem grandes folhas. Assim se vê em muitos logares tampos enormes de 6 a 7 metros de comprimento, 1 de largura e 0^m,2 de espessura, nomeadamente na quinta do Ferrão (junto da estação actual do mesmo nome) pertencente á nobre e rica familia Pessanhas.

As ditas pedras foram cortadas cerca de 4 kilometros a montante na povoação de Donello, aldeia da freguezia de *Covas do Douro* concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

São os maiores tampos de schisto que ha em todas as quintas do Alto Douro.

Nós tambem ali temos uma quinta, a quinta do *Campo Velho*, na outra margem (esquerda) do Douro e no valle e margem (direita) do Tedo, onde em uns logares mandados fazer por meu pae se vêem tampos de schisto com 27 palmos de comprimento! Foram cortados a menos de 200 metros talvez de distancia da casa da mesma quinta.

Uma ponte tambem notavel e unica em Portugal é a ponte de Aivados, ponte natural, formada pelo rio Arcão, que nasce do grande olho d'agua, chamado *Borbólegão*, a 5 kilometros da villa de Grandola para N.

A dita ponte é de um só arco, especie de gruta lindissima e aberta pela natureza em um grande penedo calcareo.

O socio

ABBADE PEDRO AUGUSTO FERREIRA

MEMORIA

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO AO DESENHO DAS RUINAS DE UMA ESTATUA DESCOBERTA EM BEJA QUE SE DISSE SER DE CYBÉLES

(Continuado do n.º antecedente)

Sim, não vi as conjecturas que julgaram a Estatua de Cybeles. A grande authoridade das Pessoas que foram de parecer a este voto (), não tanto, como a correspondencia do figurado della, e a iconologia que nos traz aos olhos os distinctivos da Deosa daquelle nome; bem como, a maior estensão do seu culto, me firmam opinião semelhante.*

Cybeles, filha do Ceu e da Terra, mulher de Saturno, a Grande Deosa, a Mãe dos Deoses, he Divindade mui afamada e celebre (). Personalisação da Natureza deificada; assim, annel entre o simples culto que aquella intimára, e a idolatria que lhe succedera, recebia oblações duplas, mais prestações em razão da forza fysica, que tornava como visivel sua maior potestade; e segundo os attributos da natureza havia nomes diversos (**) confundindo e identificando-se com todas as Divindades que chamavam adorações ao mesmo espirito (**).*

Os Phrigios a fazem das Comarcas que habitam, constituindo-se por mil enredos seus primeiros adoradores. — As montanhas que increspam suas serras davam nomes

(*)
Nota VI.

(*)
Nota VII.

(**)
Nota VIII.
(***)
Nota IX

á Deosa (***); elles acordavam os passos da sua pretendida existencia (****) aos Districtos que moravam (*) Os bosques que pertenciam a Cybeles, como parte á força que desenvolvia, tiveram vida; e o Moço Atys que lha constituiu, nas suas ligações com a Deosa deo historia e muito fallar (**). O Culto porém desta Deosa vinha de mais longe; tinha antiguidade perdida; era como aborigine (**). Luciano lhe assigna Templo, e Cidade na Assyria que subia aos dias da mesma Deosa, como dedicação do seu Atys (***): e d'outro dá testemunho edificado pela famosa Stratonicia-Rainha daquella Região (****). O nome de Deosa, Syriana, era o mais vulgar que alli se lhe dava; mas seus attributos e maneiras eram identicos a Cybeles: (*****). Isis lhe chamava o avelhantadô Egypcio, onde seu culto vinha das confusões do principio (*****). A Phenicia dahi á conheceo e adorou (*****). E esta foi a dedução, que, como outras ideas, seguiu este culto, donde o houve o Phrigiano que presumido constituiu a Deosa de sua progenie; e acatamento tão inteiro, e devoto lhe rendeo, que o fez como proprio. Roma que se lhe curvava na denominação de Vesta (*) a invocou nos perigos de Annibal, trazendo a seus muros reliquia para a venerar na de Cybeles (**). Huma Vestal figurou á sua chegada (***), e huma Vestal intendeo sempre nas suas Festas; que eram magnificas (****). As ceremonias e funções que ao tofo esta Deosa recebia eram estrugidas com os arruïdos das de Bacco, Pan, Osiris, Baal, e mais Divindades, symbolos a expressarem a Natureza (*****). Dahi houveram os Sacerdotes de Cybeles o appellido de Corybantes, e outros que taes (*****). Destas fontes seu culto desceria a todas as bandas. E os mysterios que escoreciam o que lhe era relativo, a isso muito contribuiria: sendo demais, os Padres da Deosa, levados quasi em dogma de trazerem proselytos á sua crensa, peregrinando terras, missionando com pequenos idolos de Cybeles a que chamavam Betylos (*); no que punham o ardor que declira o nome de Corybantes porque são geralmente conhecidos (**).

Em verdade, mui atrazados himos no conhecimento das Divindades, que adoraram os Povos que primeiro foram em nossas terras; do que, já houvemos soláque d'hum genio de boa erudição da França (***); sendo pennas estrangeiras, que diffundindo a vastidão do seu maior saber, sobre esses pequenos restos de que alcançaram conhecimento, dos muitos que nossos territorios offerecem diariamente, a quem devemos discurso sustido, e de dizer, ácerca d'humã Divindade tão famosa na Lusitania, o Deos Endovéllico (***).

Não obstante. — Os Lusos adoradores da Natureza, e Sabeos na crença, como eu ousei de annunciar em outra parte (*) remissos não seriam no offerlar oblações a Cybéles: de bom grado se curvavam á Deidade que symbolisava da terra a força produtrix, que lhe diriam ter sido já em pessoa nas suas campinas que tanto abençoava (**). Pussando do nuu estado da natureza ao da civilidade, que o trato e engrandecimento do povoado lhe communicava, a bom folgar teriam o culto que ao centro da sociedade lhe communicava as ideas em todo, das florestas, campos e astros, de que o estado caseiro mais desapegava suas imaginativas: Elles abraçariam adorações que substituiu as que davam á Natureza, fáce a fáce (***), ao singelo da simplicidade, em pleno ar; senão he, que o engrandecimento da sociedade lhe traria esta transformação; e que o dar com os outros Povos allerasse o nome peculiar com que houvessem levantado o simulacro da endeosada Natureza (*). Nossas Provincias, pois, frequentadas por Egypcios, Persas, Fenicios, Celtas, Gregos, Kartaginezes, Romanos (**), por onde as opiniões fizerão circulo, metamorfose, e propagação, receberia em signal de taes Gentes lhe abordarem os Deoses que venerassem (***). — Mas, entre muitos Templos de gentilidade, descobertos na Lusitania, sim, nenhum se diz de Cybeles (****). Attendamos, porém, que Isis, Proserpina, Fortuna, Concordia, e mais, a quem pela maior parte se dizem dedicados, são de inteira conformidade e imagem ao gesto daquella Deosa, tomando seus emblemas; sendo até a mesma Divindade com outro nome (*****). E o fogo de Vesta, com que tambem se allumiava, não he de fugida desconcordancia que recebesse sópro e guarda junto a Lisboa (*****).

(****)

Nota X

(****)

Nota XI

(*)

Nota XII

(*)

Nota XIII

(****)

Nota XIII

(****)

Nota XV

(****)

Nota XVI

(****)

Nota XVII

(****)

Nota XVIII

(****)

Nota XIX

(*)

Nota XX

(*)

Nota XXI

(****)

Nota XXII

(****)

Nota XXIII

(****)

Nota XXIII

(****)

Nota XXV

(****)

Nota XXVI

(****)

Nota XXVII

(****)

Nota XXVIII

(****)

Nota XXIX

(****)

Nota XXX

(****)

Nota XXXI

(****)

Nota XXXII

(****)

Nota XXXIII

(****)

Nota XXXIV

(****)

Nota XXXV

(****)

Nota XXXVI

(****)

Nota XXXVII

(****)

Nota XXXVIII

(****)

Nota XXXIX

(****)

Nota XL

(****)

Nota XLI

(****)

Nota XLII

(****)

Nota XLIII

(****)

Nota XLIV

(****)

Nota XLV

(****)

Nota XLVI

(****)

Nota XLVII

(****)

Nota XLVIII

(****)

Nota XLIX

(****)



Gomil do Renascimento

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 84

A presente photographia, copia d'uma primorosa alfaia pertencente ao precioso museu do real palacio das Necessidades que foi colligido pelo Rei Artista, é uma das mais bellas peças de ourivesaria d'esta afamada collecção, que hoje publicamos.

É um grande gomil de prata dourada, obra cinzelada do XVI seculo em Portugal. Pela sua fôrma pouco vulgar, ornamentação singular da aza e do bico, profusão dos grescos (1) e complicada composição do relevo do bojo, que cobrem totalmente este objecto, causa admiração, assim como pelo conjuncto de tantos labores, os quaes nos demonstram afertil imaginação do artista e a mestria na sua profissão.

Foram os ourives italianos, que, inspirados pelo typo oriental e pela creação do Renascimento, principiaram a executar no metal precioso esse genero de ornato dos differentes objectos para uso da mesa e do toucador.

Certamente que attrae bastante a curiosidade examinar-se essas vistosas obras, em que os ourives hespanhoes tanto se distinguiram, e depois os nossos artistas nacionaes tambem com rara habilitade se desenvolveram. Se os italianos se ufam de terem tido um Benevenuto Cellini, e a Hespanha um João Arphe, tambem Portugal se vangloria de ter Gil Vicente alcançado digna menção entre os mais habéis artistas d'essa epocha.

O observador, enlevado por tão vistosa composição e habil trabalho, não presta a devida attenção; mas, passado o primeiro effeito de merecida admiração, sente-se depois como que cansado de contemplar tão complicada ornamentação, porque os artistas d'essa epocha julgavam que ficaria a sua obra com maior merecimento, cobrindo toda a superficie da peça com uma accumulção ornamental não lhe deixando parte alguma lisa, para a vista repousar e apreciar melhor os diversos cinzelados e relevos de que se compõem os objectos, diminuindo de certo modo o merecimento d'essas variadas composições: todavia, examinando-se cada detalhe em separado e fazendo-se abstracção dos proximos cinzelados, reconhece-se e avalia-se o talento e a habilitade do artista que executou a obra.

Não destroem o merecimento archeologico d'este exemplar as reflexões que expomos, porque se

porventura se póde notar esse defeito (causado pela phantasia do artista em querer deslumbrar o observador) devemos não esquecer ser esse o estylo que determinava a epocha artistica do seculo; portanto, esta alfaia, como todas as outras do mesmo estylo, são positivas testemunhas artisticas da sua primitiva origem.

Esta photographia é mais uma reliquia que possui o museu da nossa associação, pois conservará outro specimen da excellente collecção que havia no nosso paiz, que pertenceu a el-rei o senhor D. Fernando. Quanto aos seus outros raros objectos, ignoramos qual será o seu destino. Lamentamos a perda que poderá resultar a Portugal, indo essas collecções para fóra do reino. (1)

POSSIDONIO DA SILVA.

No *Diario de Noticias* do 1.º de março ultimo, appareceu o seguinte artigo:

Archeologia christã

Estão já publicados seis fasciculos do *Resumo elementar de archeologia christã*, pelo sr. Possidonio da Silva, digno presidente e fundador da associação dos architectos e archeologos. É um bom serviço feito a este ensino especial, de que o auctor tem sido um benemerito e tenaz vulgarizador.

A este respeito temos presente o seguinte artigo do sr. José Diogo Ribeiro, que solta mais um brado em favor da conservação dos monumentos nacionaes:

«Em alguns seminarios diocesanos crearam-se ultimamente cadeiras para o ensino da archeologia christã. Folgamos de véras com uma tão sensata deliberação de illustres prelados portuguezes. Possuindo os parochos noções exactas e sufficientemente desenvolvidas sobre este interessante ramo das sciencias tecnologicas, poderão dirigir com acerto as restaurações de que necessitem os edificios religiosos que se achem sob sua inspecção, impedindo que se deturpem suas primitivas e venerandas feições; poderão obstar ao descaminho e á destruição das alfaias antigas que muitas egrejas ainda possuem em maior ou menor copia, e que são frequentes vezes de um alto merecimento aos olhos dos entendidos, não obstante a forma desgraciosa que acaso se lhes note, ou a vulgaridade da materia de que sejam fabricados.

«Os individuos a quem de ordinario se incumbem a reparação dos templos ruraes ignoram as mais simples noções de esthetica, desconhecem o senti-

(1) Esta designação, dada pelos modernos ás fôrmas d'este ornato, provém de terem alguns curiosos descoberto em Roma os primeiros modelos de decoração d'este genero nas cavernas que antigamente serviram de estufas thermaes, que estavam soterradas; mas como a estas construcções subterraneas se dá em Roma o nome de *Grótta*, — as decorações que ellas tinham, tomaram o nome de *Grotescas*.

(1) Veja-se o *Boletim* n.º 7 do tomo 5.º, 1887, pag. 110, 2.ª série.

mento do bello e a poesia da arte. Os seus trabalhos não obedecem jámais a um plano harmonico, não seguem estylo algum definido. Uma copia abastardada e fóra de toda a conveniencia, um amontoado de ornamentos decorativos de mau gosto, um mistiforio de inconciliaveis systemas architectonicos, eis o que esses pseudo-artistas nos sabem exhibir.

«Não basta, porém, note-se, ao que haja de tomar o encargo da resrauração de um antigo monumento o dispôr de instrucção technica, talento comprovado e gosto selecto; é sobretudo necessario que possua especiaes conhecimentos historicos e archeologicos; é mister que, desprezando os impulsos do seu genio inventivo, se conforme inteira e escrupulosamente com a traça primordial.

«Porque — é preciso não o esquecer — a architectura tem sempre uma feição especial, em harmonia com as idéas dominantes de um povo, nas diversas epochas da sua evolução sociologica.

«Destruir ou abastardar aquella feição é commetter uma profanação e praticar um anachronismo.

«Comprovemos a nossa these.

«Foi a religião dos egypcios o pantheismo, mais tarde degenerado em grosseiro fetichismo; divinizarão elles todas as forças da natureza que mais estrondosamente se lhes manifestaram; e d'ahi provieram as fórmās collossaes de suas pesadas e massiças construcções.

«O espirito culto, o gosto apurado e a delicadeza de sentimento dos gregos revelam-se nas admiraveis proporções, na harmonia, elegancia e pureza de suas ordens architectonicas.

«Os romanos não tiveram architectura propriamente sua; adoptaram porém as ordens gregas, as quaes amplificaram as proporções de modo a darem aos seus edificios uma feição de grandeza imponente que bem se casava com o caracter do povo-rei.

«A singeleza e humildade dos primeiros christãos transpareciam nos seus templos pobres e de modesta apparencia.

«A architectura ogival*, com a sua brincada e phantasiosa ornamentação, seus elegantes e sublis rendilhados; suas elevadissimas agulhas, que parece quererem arrojarse ás nuvens, suas naves esguias e alterosas, suavemente illuminadas por uma claridade tenue, coada atravez de formosissimas vidraças multicolores, é uma expressão perfeitissima do ideal christão, e a que melhor traduz as aspirações para a

divindade, a elevação de vistas para os mundos da luz; interpreta pois ao justo o sentir da sociedade medieval, que tão accentuadamente se distinguio por seu poetico mysticismo.

«O estylo manuelino, que floresceu no nosso paiz durante o brilhante periodo dos descobrimentos, reflecte os sonhos dourados, as ridentes esperanças, os desejos anhelantes dos inclitos portuguezes d'aquelle tempo, cuja imaginação era illuminada pelos esplendores procedentes dos encantados paizes da aurora preñhes de maravilhas.

«O estylo *rococò* em Portugal condiz especialmente com o viver da sociedade frivola e amaneirada da segunda metade do seculo passado, sociedade da qual os grandes ideaes haviam desapparecido.

«Vê-se, pois, que os edificios conservam o cunho caracteristico da epocha a que pertencem e das gerações que os levantaram, revelam-nos portanto o sentir e a orientação do espirito d'essas gerações; dão-nos a medida do seu desenvolvimento intellectual e artistico, fornecem-nos por vezes noticias valiosas ácerca dos seus usos e costumes; são, sob varios aspectos, paginas soltas da historia da humanidade.

«Importa, pois, que haja o maior cuidado em preservar de qualquer estrago ou deformação os caracteres impressos n'esses preciosos documentos de antigas eras, os quaes, além do seu valor artistico, historico e archeologico, são memorias venerandas de nossos maiores, e a ellas andam frequentemente annexas as mais santas e piedosas recordações.

«A fim de auxiliar o empenho dos illustres preladados a que nos referimos no começo d'este nosso artigo, iniciou o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da commissão dos monumentos nacionaes e fundador do museu de archeologia do Carmo, em Lisboa, a publicação de um *Resumo de archeologia christã*, do qual já foram distribuidos seis fasciculos. Aos que desejem porém mais desenvolvidas noções sobre o assumpto, recommendamos os *Elementos de archeologia*, pelo mesmo auctor, um volume in-4.º, de mais de tresentas paginas, esmeradamente impresso em optimo papel, e illustrado com 324 primorosas gravuras.

Vimeiro de Alcobaça.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

CHRONICA

A ex.^{ma} condessa Zucchini estremosa filha do nobre conde e senador João Gozzadini, nosso socio honorario fallecido, fez a honra de enviar o retrato

* E' impropria a designação de gothica, dada á architectura ogival, por quanto os godos foram expulsos da Europa alguns seculos antes de se começarem a delinear as fórmās iniciaes d'esse formoso typo architectonico, cuja creação lhes tem sido erradamente attribuida.

do seu illustre pae ao nosso presidente para ser inaugurado na galeria da nossa Associação, distincção que é costume tributar-se aos socios estrangeiros. A sr.^a condessa declara-se muito reconhecida por este testemunho de veneração para com a memoria do seu veneravel pae.

O distincto director da Sociedade Franceza de Archeologia, o sr. conde De Marcy, recebeu uma nova mercê; foi-lhe conferida pelo imperador da Russia a commenda da Ordem Imperial de S. Estanislau. Esta subida distincção que o nosso illustrado socio honorario teve agora de uma nação tão pouco facil em conferir titulos honorificos, mesmo aos nacionaes, maior consideração significa para o reconhecido merecimento do nobre conde. Receba este prezado consocio as nossas sinceras felicitações por tão assignalada honra.

O nosso digno socio monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, offereceu mais outro objecto antigo, um brazão da nobre familia dos Coutinhos, que foi encontrado entre a alvenaria da parede de uma casa sita na quinta dos Passarinhos á Fonte do Louro no valle de Chellas; apresenta a notavel particularidade de ter esculpido um bonito ornato arabesco, que se pôde suppôr seja do tempo da dominação arabe, o qual foi mutilado a fim de se aproveitar a pedra para o brazão. Este interesse que o nosso socio tem em concorrer para o engrandecimento do Museu, prova tambem quanto preza as antiguidades do nosso paiz.

O nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, recebeu um officio da Associação Franceza para o progresso das sciencias, assignado pelos sete membros da meza, convidando-o para a sessão do congresso que terá logar este mez em Oran, e em nome da municipalidade d'Argel lhe offerece hospitalidade n'aquella cidade.

O nosso compatriota o sr. Manuel Dias Lima, residente na Bahia, offereceu um arco e flechas tomados a uma tribu de Indios ao norte de Minas, objectos que lhe foram dados pelo barão de Minas Novas. Esta offerta d'um portuguez testemunha o constante affecto pela sua patria, e indica tambem o desejo de ser prestavel aos estudos archeologicos d'esta associação, pelo que merece louvores.

No tomo 26 da *Revista Bibliographica Universal*, 5.^a entrega, vem a noticia do curso de archeologia, dado n'esta associação pelo socio sr. Possidonio da Silva, mencionando tambem haver depositado n'este Museu a collecção da sua bibliotheca das publicações sobre archeologia, impressas nos differentes paizes civilizados. O *Polybiblion* faz a sua tiragem de 3:000 exemplares mensalmente. Esta

revista tem grande credito na republica das lettras e das sciencias.

A Associação Artistico-Archeologica Barceloneza convidou o nosso presidente a tomar parte na Exposição universal de Bellas-Artes e Archeologia que terá logar n'aquella cidade no presente anno, o foi acceite pelo nosso dedicado consocio, porque, pertencendo áquella associação, prestou-se a fazer parte dos expositores.

NOTICIARIO

Um ethnologista americano inglez mr. Cushing, foi viver com os indios zunis: tendo sido adoptado por elles, sujeitou-se aos costumes selvagens, a fim de poder estudar a *Archeologia Tolteca*.

Poude verificar que nos valles de alguns rios d'esta região, presentemente transformada em deserto, havia em tempos remotos um grande numero de povoações florescentes.

Mas ainda ninguem havia explorado as suas antigas ruinas. Um grande numero de especimens de ceramica e de instrumentos de pedra já foram remetidos para New-York, os quaes testemunham a prosperidade e a civilização d'esses antigos povos.

As cidades não caíram pelo correr do tempo em ruinas; a sua destruição tambem não foi motivada por guerras, mas sim por *tremores de terra*, porque a posição em que se encontram um grande numero de esqueletos indica terem os habitantes de Arizona morrido, ao fugirem na occasião de abaterem os telhados e as paredes das casas. Suppõe o archeologo que taes povoações pertenceram a uma epocha anterior ás construcções das pyramides do Egypto, cerca de 7:000 annos.

Havendo mr. Cushing achado o esqueleto de uma menina em uma sepultura sobre o flanco do valle junto a um altar, rodeada de objectos que serviram aos *sacrificios*, é de crer que esta Ephigenia toltequa fosse sacrificada depois de um ou mais abalos de terra, a fim de apylacar a ira das divindades, e que os habitantes, socegados, se recolheram aos seus domicilios, em seguida a este horroroso holocausto, mas seriam surpreendidos por um novo e mais terrivel abalo, ficando esmagados na totalidade. Esta tradição tem se perpetuado nas raças ignorantes, dando a raça branca a este sitio o nome de *Montanhas da Superstição*.

Projecto apresentado pelo insigne architecto mr. Charles Garnier para ser construida uma serie de typos de habitações desde o tempo prehistorico até ao renascimento das Bellas-Artes, e que devem figurar na exposição de Paris em 1889.

EPOCHA GEOLOGICA: Ao ar livre, fragmentos de cortiças; *Troglodytas*, as grutas; *Lacustres*, habitações sobre os lagos; *Habitações sobre o solo*, cabanas, choças, etc. — EPOCHA DE TRANSIÇÃO: Principios de construcções, desenvolvimento de abrigos. — EPOCHA HISTORICA: *China antiga*, 5:000 annos antes de J. C. *Astéques*, tribus do Norte, lapónicos, esquimaus, etc.

Origem egypcia, 4:000 annos antes de J. C. Egypcios, assyrios, ninivitas, babilonios, phenicios, pelasgos, etruscos. — De 1:100 annos antes de J. C. até á era christã: Argivos, persas, hellenos, gaulezes, germanicos, romanos, italianos, etc. — Depois da era christã: Hunos, francos, selvagens d'Africa, Soudão, etc. Byzantinos, russos, slavos, romanos, arabes, mouros, turcos. — Desde 1200 da nossa era: Idade media, Renascimento.

Estas habitações serão rodeadas por um pequeno jardim, e dentro d'ellas ficarão dispostos mobilia e objectos da epocha.

Um *Cresus* inglez, mr. Fay, mandou edificar um palacio nos suburbios do Mexico, collocado no ar, a 100 metros da altura do solo, rodeado de jardins aereos! Estas construcções serão sustentadas por grandiosos pilares de ferro, e um gigantesco elevador servirá para se estabelecer a communicacão do terreno com o andar suspenso: o material será cartão-pedra.

A cidade de Nara, no Japão, possui uma estatua de Budha, em bronze, com a altura de 13 metros e 30 centímetros, que foi fundida na era de 744 por ordem do mikado Sho Mu-Ten-No. Por tres vezes ficou a estatua sem cabeça: a primeira vez, quatorze annos depois de ter sido erigida, por ter ficado mal assente, cahiu e fez-se em bocados.

Em 1180, n'uma guerra civil, o templo foi incendiado e a cabeça derreteu-se. Em 1567, novo incendio destruiu a cabeça pela terceira vez; mas um devoto concorreu para compôr essa divindade, ficando exposta aos rigores das estações, para que outro sinistro não destruísse o sanctuario, e não inutilisasse quarta cabeça.

Assentou-se um órgão na igreja de Santa Clotilde em Paris, mas, não havendo espaço sufficiente no côro, foi preciso emprégur um systema mechanico para servir este instrumento; havendo-se disposto, em quatro logares separados uns dos outros, as peças principaes para poder funcionar. O teclado ficou collocado proximo das cadeiras do côro; os folles por detraz do altar-mór da igreja e os canudos separados em dois grupos á direita e á esquerda de altar por cima do engradamento da entrada do côro, transmittindo-se do teclado aos instrumentos separados a execucao musical pela electricidade; está serve aqui unicamente de *motor*, utilizando-se a sua instantaneidade.

A exploração archeologica em Tunís fez descobrir dois mosaicos representando uma panthera, e cavallos aguias, assim como um outro muito maior mostrando o acompanhamento de Neptuno sobre um carro tirado por quatro cavallos marinhos.

Proximo das barreiras de Paris, em Puteaux, achou-se um cemiterio antigo, muitos sepulchros de gesso com a fórma de um trapezio sobre o comprido estando orientados com os pés para o sudoeste, e ornatos symbolicos vasados em relevo postos nas extremidades.

Nas escavações de Mantinea, o principal objecto descoberto até ao presente é um pedestal represen-

tando Apollo, Marsyus e as musas, de que falla Pausanias. As descobertas relativas á topographia e á epigraphia apresentam bastante interesse; correspondem com muita exactidão ás indicações do historiador grego. Encontraram-se tambem vinte e quatro capiteis pertencendo a todas as epochas desde a mais remota até ao periodo romano.

Estão-se construindo em Inglaterra presentemente, os tectos das estufas compostos de duplicados caixilhos envidraçados, dispostos em degraus horisontaes. Entre os dois vidros ha um espaço de 73 millimetros, dos quaes 30 millimetros são occupados por um *jacto d'agua*. O motivo d'esta disposicao é de conservar no interior da estufa uma temperatura a mais igual possivel, sem haver necessidade de aquecel-a artificialmente, nem lhe pôr toldo no verão. A agua pela sua falta de conductibilidade, impede a irradiacão do calor interior para o exterior no inverno, e do calor exterior para o interior no verão.

O acaso fez descobrir agora em Béocia, o templo dos *kabeiros*, de que fallam muitos escriptores gregos. Escavações methodicas foram logo praticadas, fazendo apparecer fragmentos de columnas e dois altares de marmore, assim como um grande numero de objectos offerecidos ás divindades do sanctuario. Todos esses objectos são estatuasinhas de *vaccas*; acharam-se mais de 300 em terra-cota, 74 de bronze, 83 de chumbo, e uma de bronze dourado. O maior numero de estatuetas de bronze tem inscripções.

A polychromia monumental em França tem-se desenvolvido com grande accettazione, e o specimen mais importante pela grande superficie que occupa, como pela belleza da composicao e esmero do trabalho, são as abobadas da escada nobre *Daru* no museu do Louvre.

A decoraçao dos mosaicos d'estas abobadas indica uma especie de historia da arte pela evocaçao de todas as escolas representadas n'este grandioso museu.

Nas abobadas *pendentes* são representadas as cidades symbolisando as escolas ou as grandes epochas da arte grega: Corintho, Athenas, Mileto, Selinonte; no frizo, os medalhões de Phidias, Praxiteles, Ictinus, Apelles, e os nomes de Menésicles, Nicias, Callimaco, etc. Os dois arcos-abobadas serão destinados, um ao Egypto e á Assyria, o outro á arte Romana. O espaço central será destinado para o Renascimento. O maior zimbório elliptico recordará principalmente a Italia, — Florença, Roma, Veneza e Milão; nas abobadas pendentes, os medalhões de Raphael, Miguel Angelo, Ticiano e Leonardo de Vinci, e os nomes de Donatello, André del Sarto, Palladio. Os grandes arcos das abobadas pendentes pertencem a Flandres e Hespanha, os dois pequenos zimbórios a Alemanha e Inglaterra. Os dois ultimos zimbórios e o grande arco da abobada pendente representarão a arte franceza, dos pintores do XVI, XVII e XVIII seculos, ficando o arco central para a escola moderna.

A superficie que terão estes mosaicos é de 1766 metros quadrados; cada decimetro quadrado precisa, termo medio, de 90 a 120 cubos de esmalte: será o total quasi de 12 milhões de cubos para esta decoraçao colossal!